GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

MARCELO MANHUARI MUNDURUKU

PINTURAS CORPORAIS DO POVO MUNDURUKU (MT): SIGNIFICADOS E MUDANÇAS NO PATRIMÔNIO IMATERIAL INDÍGENA

Barra do Bugres
2016

MARCELO MANHUARI MUNDURUKU

PINTURAS CORPORAIS DO POVO MUNDURUKU (MT): SIGNIFICADOS E MUDANÇAS NO PATRIMÔNIO IMATERIAL INDÍGENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Línguas, Artes e Literatura.

Orientador: Prof.ª Dr.ª Thereza Martha Presotti

Barra do Bugres
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

M965p MUNDURUKU, Marcelo Manhuar..
Pinturas corporais do Povo *Munduruku* (MT): significados e mudanças no Patrimônio Imaterial Indígena / Marcelo Manhuari Munduruku. – Barra do Bugres, 2016.
40 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.
Orientadora: Profa. Dra. Thereza Martha Presotti.

1. Povo *Munduruku*. 2. Pintura Corporal. 3. Patrimônio Imaterial Indígena. I. Presotti, T. M., Dra. II. Título. III. Título: significados e mudanças no Patrimônio Imaterial Indígena.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

Ficha catalográfica confeccionada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar – CRB1 2037.

MARCELO MANHUARI MUNDURUKU

PINTURAS CORPORAIS DO POVO MUNDURUKU (MT): SIGNIFICADOS E MUDANÇAS NO PATRIMÔNIO IMATERIAL INDÍGENA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Línguas, Artes e Literatura.

Barra do Bugres, 27 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof.ª Dr.ª Thereza Martha Presotti
Professora Orientadora

_____
Prof. Esp. Márcio Monzilar Corezomaé
Professor Avaliador

_____
Prof.ª Dr.ª Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira
Professora Avaliadora

Barra do Bugres
2016

DEDICATÓRIA

Crianças Munduruku: Marcelle Sal Manhuari e Wender Sal

Fonte: Marcelo Munduruku, 2015.

Ao futuro de meu povo *Munduruku*, por sua resistência e sua força cultural no decorrer dos 100 anos de contato com a sociedade não indígena.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos para minha família, meu pai *Felipe Painhum,* minha esposa *Maria Valdenize Sau Munduruku,* que estiveram sempre me incentivando em continuar neste processo acadêmico.

Agradeço, também, a toda comunidade da Aldeia Nova Munduruku, em nome do cacique *Joaquim Crixi*, que apostou em minha capacidade e sempre contribuiu com informações para que este trabalho fosse desenvolvido.

Grato, ainda, aos meus alunos, que assiduamente e de forma plena e positiva me acompanharam, para que eu conseguisse realizar todas as atividades durante a graduação.

Em especial, a minha avó *Generosa Manhuari* e ao meu avô *Arací Tariguarina*, que me colocaram neste caminho de realizações, e demais professores qualificadores da banca, professores da aldeia Nova Munduruku e da UNEMAT, que contribuíram direta e indiretamente para este trabalho.

À FUNAI, pela sua estrutura de logística, a CAPES -Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela valorização de nossos trabalhos, p com o PIBID Diversidade. Enfim, a todos os professores (as) coordenadores (as) desta graduação.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, da Faculdade Intercultural Indígena, registra e divulga as pinturas corporais usadas na aldeia Nova Munduruku, situada nas fronteiras do município de Juara-MT. Levamos em consideração seus usos e significados nos momentos das mais importantes celebrações culturais do nosso povo. A proposta foi observar e analisar as mudanças ocorridas no contexto atual do patrimônio imaterial, arte gráfica ou forma de expressão usada nos corpos, considerada um patrimônio imaterial ou forma de expressão da etnia Munduruku. Observamos que a juventude Munduruku de Mato Grosso, diante do contato com outros grupos indígenas e não indígenas, passou a apresentar algumas alterações no uso de suas pinturas. Buscamos, também, trazer para a população deste Estado e região, em específico, a do município de Juara, a riqueza patrimonial que o nosso povo oferece para este local. A pesquisa foi realizada, a partir de observações do modo de preparo das tintas e como são aplicadas nas pinturas. Foram feitas entrevistas com três membros da comunidade de diferentes faixas etárias (75, 67 e 27 anos) e consultas em publicações disponíveis. Foram fotografadas pessoas da aldeia, para registrar o uso das pinturas nos eventos de festas e fazer o cruzamento das imagens da aldeia onde moro com a de outras aldeias de nosso povo no estado do Pará, de onde migramos. O estudo possibilitou encontrar várias alterações que são muito diferentes dos registros dos primeiros pesquisadores *in loco*, como: Caudreau (1977) e Parreira (2006), Tilkin Gallois (2007). Analisamos que as pinturas masculina e feminina estão passando por processo de ressignificação entre os Munduruku de Mato Grosso, em comparação aos do estado do Pará.

Palavras-chave: Patrimônio Imaterial Indígena Munduruku. Pinturas Corporais. Mato Grosso.

RESUMO NA LÍNGUA *MUNDURUKU*
YAPĪN

Ite kapik´ap ocê dot mupapuk´ap Mõnjorokoyū, i jocê Juara bewi MT, bewi, Imubapuk´ap pẽn ocêjo ikukuğ, dai im pima nõpağõ bewi, Ibo mugẽm imubapuk´ap wara atağ Icem ayū, warara´at cat puxim ijocê ayū buxim. Ojocudada watay bit am apẽn warem am ti mugẽ am iam, abu timugẽgẽm, pẽn pimã tikukuğ.Wuyjuyūyū agõka watwatpe, pūğ ayacat it´it pe, pūğ aypa at pe, internet, bawi agõkaka biõbuk co com. Mõnjoroko Mato Grosso Pará, pomã wi ocejẽm. Ibo ap cobuje ade iwaruat (*Caudreau (1977)* e *Parreira (2006)*, Tilkin Gallois 2007.*)* Oto boxikxik kuyje at kudadam. Oto buxik mabuk ayacayū dot agõkatkat yū dot tak, warat tağ ma apẽn pima ikuk´ap, iãm Mõnjorokoyū Parabe ayū´í.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
D.O.U	Diário Oficial da União
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISA	Instituto Sócio Ambiental
PIBI	Produto Interno bruto
SPI	Serviço de Proteção ao Índio

-

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mulher e criança Munduruku por Hercule Florence 1828 14
Figura 2 – Homem Munduruku, em gravura de viajante no século XVIII 15
Figura 3 – Índios Munduruku, Maio de 1828. Hercules Florence 16
Figura 4 – Terra Tradicional Munduruku e Kayabi nos rios tapajós e teles pires..... 17
Figura 5 – Terra Indígena onde moram Apiaká, Kayabi e Munduruku noroeste de Mato Grosso 19
Figura 6 – Pintura masculina da formiga vermelha 21
Figura 7 – Francês Hercules Florence Maio de 1728, Rio Tapajós 22
Figura 8 – Imagem de Jovens Munduruku de Juara- MT (Júnior Burum Krixí, Ediones Manhuari França) 23
Figura 9 – Pintura masculina do Jaboti 24
Figura 10 – Desenho da Pintura do Jaboti (Poy) 24
Figura 11 – Pintura da formiga Vermelha (Saw) 24
Figura 12 – Pintura Feminina Antiga 25
Figura 13 – Pintura do talo do Buruti 25
Figura 14 – Pintura do jacundá Waro´dá 26
Figura 15 – Pintura do pacuzinho Pacu´dit 26
Figura 16 – Cesto de identificação do clã do marido ou do pai moça 27
Figura 17 – Pintura Feminina Munduruku do Pará 27
Figura 18 – Pintura feminina Munduruku de Mato Grosso, Andressa Sal e Raiane Manhuar 28
Figura 19 – Fruta Jenipapo usado para fazer tinta 29
Figura 20 – Forma de fazer Pintura 30
Figura 21 – Pintura Feminina do Pacuzinho, Jozinéia Burum Krixi 31
Figura 22 – Pintura Feminina com as alterações, Jucinéia Burum Krixi e Jucilene Burum Krixi 31
Figura 23 – Grupo Munduruku *Wuyjuyu* 32
Figura 24 – Preparação do Grupo Munduruku *Wuyjuyu* 33
Figura 25 – Preparação das Crianças de 5 anos 34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO I – OS MUNDURUKU: HISTÓRIA E CULTURA 14

1.1 O povo Munduruku: aspectos históricos, culturais e territoriais 15

CAPÍTULO II – HISTÓRICO DAS PINTURAS MUNDURUKU 21

2.1 Pinturas masculinas 23

2.2 Pinturas femininas 25

2.3 Preparo das Tintas 29

2.4 Contextualização do uso das pinturas Munduruku em Mato Grosso 30

CAPÍTULO III – AS PINTURAS CULTURAIS MUNDURUKU: UM DIREITO COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL 35

CONSIDERAÇÕES FINAIS 37

REFERÊNCIAS 38

CONSULTORES NATIVOS 39

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi estudar o registro das pinturas corporais Munduruku e encontrar variações tanto na forma de preparação, como no uso, e explicar seus conceitos e significados; que os anciões classificam como características de unidade e forças espirituais, usadas pelos antigos e novos guerreiros, em diversas ocasiões do cotidiano e guerras.

Dentre os grafismos mais utilizados, que tem características chamativas estão aquelas que representam seres da natureza como a pintura da formiga vermelha, jabuti, arco de jararaca, cascudinho, de uso dos homens, e pacuzinho, jacundá, pintura do talo do buriti, que são do uso das mulheres, cuja pinturas foram e ainda são motivos de fascínio para muitas pessoas indígenas e não indígenas, também sendo uma expressão de linguagem dentro da organização social de nosso povo; elas se tornaram uma marca na mídia no movimento do povo Munduruku contra os empreendimento hidrelétricos de belo monte e baixo tapajós. Representados pela variedade dos clãs existentes em nossa organização, o clã branco e vermelho, estas informações são de fundamental importância para que em um futuro não muito distante, novos pesquisadores da aldeia Nova Munduruku tenham um material que possa ser usado como base para um aprofundamento neste tema.

A Faculdade Intercultural Indígena contribuiu para o desenvolvimento das técnicas de pesquisas e chegar a esta monografia de conclusão de curso, possibilitando o registro e divulgação das pinturas corporais mais usadas na aldeia Nova Munduruku, identificando elementos importantes das práticas culturais, que é patrimônio imaterial, arte gráfica ou forma de expressão da etnia Munduruku. Constando que a juventude Munduruku de Mato Grosso, diante a interculturalidade, apresentou algumas alterações no uso de suas pinturas e tendo ainda como foco nossa contribuição patrimonial para o município de Juara. Estas Informações tiveram a participação de pessoas da comunidade feita com entrevista de forma descontraída com conversas abertas com essas pessoas, forma esta que possibilitou um diálogo mais aberto, indo nas casas dos entrevistados cuja idade era de diferentes faixas etárias (75, 67 e 27 anos), mesmo com estas contribuições alternei a pesquisa em outras fontes disponíveis. Fotografei pessoas da aldeia com pinturas, em eventos e tive uma conclusão quando cruzei as imagens da aldeia onde moro com o de outras aldeias de nosso povo no estado do Pará, de onde migramos. Esta comparação possibilitou encontrar mudanças nas pinturas, em relação as mais antigas, tanto nas masculinas quanto nas femininas. Sendo este fato muito intrigante anos antes de entrar na Universidade, dei início a um movimento cultural Munduruku que pudesse preencher esta lacuna, das práticas mais indenitárias de meu povo, criando um grupo

de apresentações, que colocasse os jovens Munduruku como protagonista neste espaço, procurando desenvolver o sentido do pertencimento em seu ser, e desde esse momento venho tentando revitalizar os valores de nosso povo na juventude.

Apresento nesta monografia os resultados de minha pesquisa, organizada em 3 capítulos. No capítulo 1º, trato dos aspectos históricos culturais, territoriais e da língua, destacando as origens de nosso povo, a correlação entre território e o modo de vida dos *Munduruku*. No 2º capitulo, descrevo mais detalhadamente os objetivos das pinturas corporais e seus significados, suas formas de uso em homens e mulheres, e como são preparadas. No 3º capítulo, descrevo minhas atividades como professor e coordenador de um grupo cultural *Wuyjuyu,* (Ver Figura 23.) que busca promover a difusão do conhecimento da cultura Munduruku no município, região e estado com o fortalecimento da identidade como os traços, formas de graus de parentescos, pinturas que visualizam as organizações dos clãs, cânticos para prática da língua, danças para a interação dos jovens e crianças, vestimentas e adereços que incentivam a produção de artesanatos, e tendo como protagonista destas práticas os jovens Munduruku. Creio que também podemos ser conhecidos e reconhecidos pelos demais povos e pela sociedade não indígena, com o registro de nossas práticas, como patrimônio imaterial, assim como o povo *Wajãpi* do Amapá, que tiveram suas pinturas registradas no IPHAN:

> A tradição gráfica que os Wajãpi do Amapá denominam *kusiwa* aplica-se à decoração de corpos e objetos, envolvendo técnicas e habilidades diversificadas, como o desenho, o entalhe, o trançado, a tecelagem etc. Sua função principal, no entanto, vai muito além deste uso decorativo, pois o manejo do repertório de padrões gráficos é um prisma que reflete, e forma sintética e eficaz, a cosmologia deste grupo, suas crenças religiosas e práticas xamanísticas.[1]

Ter sua cultura reconhecida e registrada, como a *Kusiwa*, do povo *Wajãpi*, deixa ainda mais claro esta ideia mais tangível para o povo Munduruku, partindo do princípio do patrimônio imaterial,

> A Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, estabeleceu que o patrimônio cultural brasileiro é composto de bens de natureza material e imaterial, incluídos aí os modos de criar, fazer e viver dos grupos formadores da sociedade brasileira. Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas. Essa definição

[1] Expressão gráfica e oralidade entre os Wajãpi do Amapá. – Rio de Janeiro: Iphan, 2006.136 p.: il. color, 25cm. – (Dossiê Iphan; 2)

> está em consonância com a Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, ratificada pelo Brasil em 1° de março de 2006, que define como patrimônio imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural". Enraizado no cotidiano das comunidades e vinculado ao seu território e às suas condições materiais de existência, o patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado e apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade.[2]

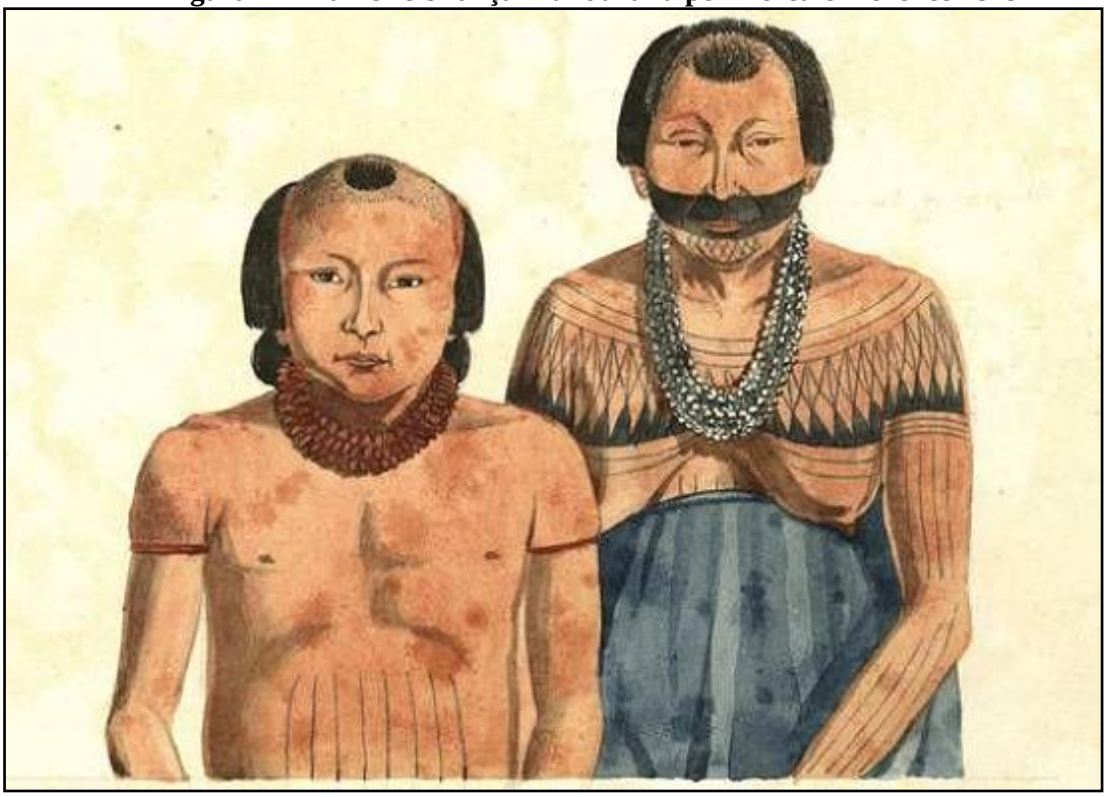
Tanto a lei brasileira, como a o UNESCO, é uma porta que viabiliza o perpetuamento de nossas práticas e costumes, e não somente isso mais que seja valorizado pelos brasileiros, que muitas vezes elogiam a beleza tradicional Indígena, mas que na maioria das vezes fica somente no elogio, e ainda acabam patenteando nosso conhecimento como se fosse de sua autoria. Existem vários exemplos como a culinária, arquitetura, danças, cânticos, palavras das línguas de alguns povos, conhecimentos medicinais, e até mesmo o grafismo, que é o nosso tema em questão. Isso tudo gera uma gama de conhecimentos, de origem, significados, e momentos de se usar ou praticar tais elementos que fazem parte da existência dos povos tradicionais desta terra que tem o nome de Brasil.

[2] http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/conPatrimonioE.

CAPÍTULO I – OS MUNDURUKU: HISTÓRIA E CULTURA

Os *Munduruku* é um povo tradicionalmente da região do Alto Tapajós que se concentra majoritariamente na Terra Indígena de mesmo nome, com a maioria das aldeias localizadas no rio Cururu, afluente do Tapajós, região esta que ficou conhecida como Mundurukânia, citada no mito de origem.

Figura 1 – Mulher e criança Munduruku por Hercule Florence 1828



Fonte: http://www.zupi.com.br/wp-content/uploads/2015/05/Hercule-zupi.jpg

Karosakaybo criou os Munduruku na aldeia *Wakopadi*, que segundo os saberes ancestrais fala que:

> O povo Munduruku saiu do fundo da terra por um buraco feito pelo Tatu, Wãp´Wãp. Depois de muitos quererem sair de uma só vez do buraco, a corda que sustentava todos não suportou o peso de muita gente, e sendo corroída por um pássaro cedeu, e muitos não saíram. Com essas pessoas que saíram fora é que formou a população Munduruku"[3]

[3] Joaquim Crixi - Depoimento em dezembro de 2015, na Aldeia Nova Munduruku.

Fica situada nos campos centrais, próxima às cabeceiras do rio *Krepori*, local hoje situado nas proximidades rio Madeira. Conhecido nos fins do século XVIII pelos colonizadores, há referências escritas pelo Vigário José Monteiro de Noronha, em 1768, que o denominou de "Muturucu". Sua autodenominação é *WuyjuŸu* e, segundo os saberes difundidos oralmente entre alguns anciãos, a designação Munduruku, este nome foi colocado na época pelo povo rival Parintintin, o que quer dizer "formigas Vermelhas "que caracterizava sua forma de ataque.

1.1 O povo Munduruku: aspectos históricos, culturais e territoriais

As referências às pinturas corporais dos Munduruku sempre chamaram muito a atenção dos viajantes dos colonizadores desde os primeiros contatos, conforme podemos ver em gravuras divulgadas no vídeo, Frei Florêncio Almeida Vaz, em 2006, (Ver figura 2)

Figura 2 – Homem Munduruku, em gravura de viajante no século XVIII

Fonte: VAZ, Vídeo, 2006.

No século XIX, o desenhista da Expedição Langsdorff que fez a viagem do Tietê ao Rio Amazonas, o francês Hercules Florence também registrou a presença dos Munduruku e de suas pinturas corporais, nas mulheres, jovens e guerreiros tanto próximo ao salto Augusto no Rio Juruena, quanto no rio Tapajós, conforme as ilustrações aqui apresentadas (Ver Figuras 1,3 e 7).

Figura 3 – Índios Munduruku, maio de 1828. Hercules Florence

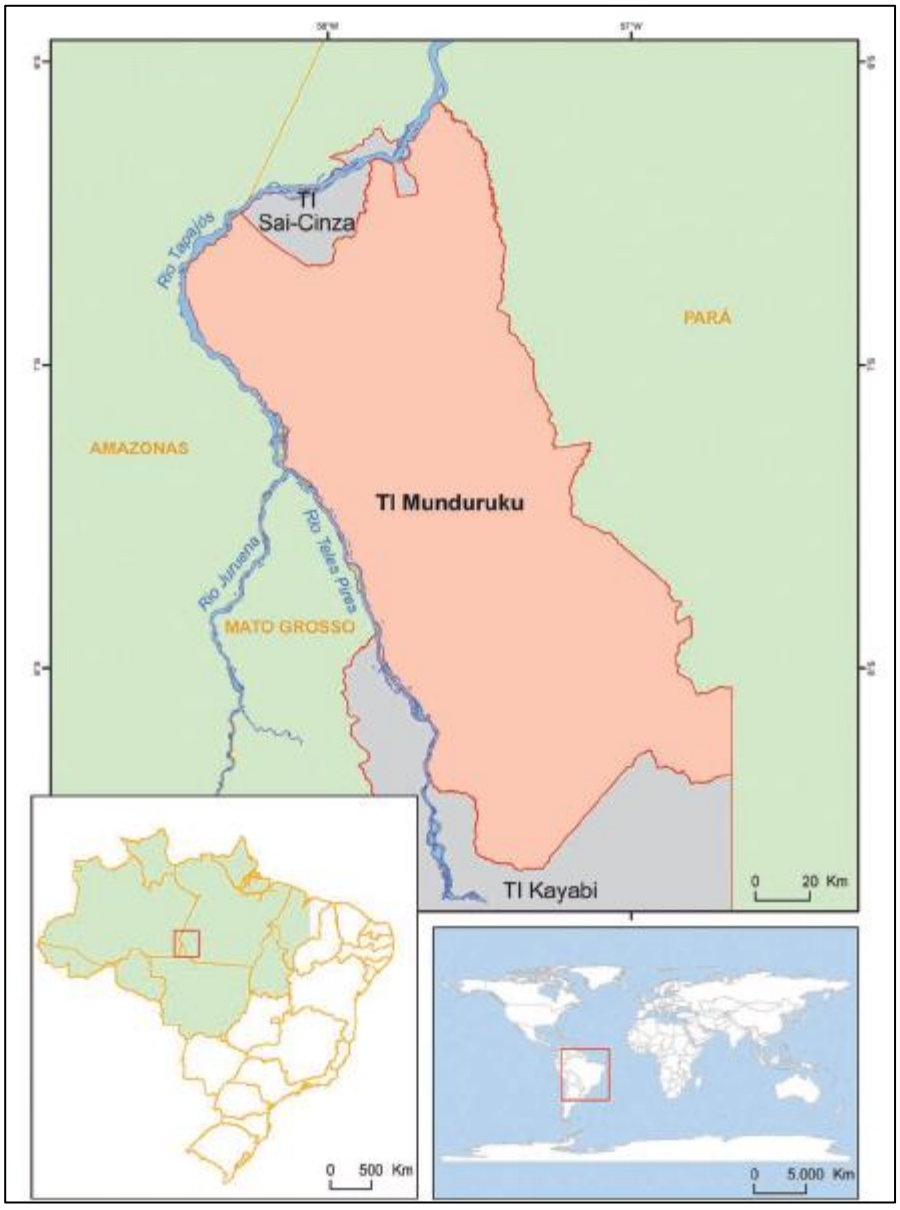
Fonte: <https://meuvooapolinario.files.wordpress.com/2015/06/hercule.jpg>

A partir do contato com as frentes econômicas, já nos princípios do século XX, também as descrições descreveram vários aspectos da vida cultural dos Munduruku[4], se mantendo nas aldeias de difícil acesso, somente mais tarde em período da seca deslocavam para as margens do rio Cururu, tendo contato que com os Missão Franciscana e em 1940, como Serviço de Proteção ao Índio – SPI (Serviço de Proteção ao Índio), às margens do Rio São Manoel (Teles Pires), iniciando o trabalho de extração de borracha para comércio,

[4] RAMOS, André. http://pib.socioambiental.org/pt/povo/munduruku/796. 2003.

trazendo muitos dos Munduruku para as margens do Rio Cururu afluente do Rio Tapajós (Ver Figura 4).

Figura 4 – Terra Tradicional Munduruku e Kayabi nos rios tapajós e teles pires.



Fonte: Levantamento etnológico Munduruku, Brasília 2011; p21.

Hoje a população Munduruku está situada em regiões e territórios diferentes nos estados do Pará (sudoeste, calha e afluentes do rio Tapajós, nos municípios de Santarém, Itaituba, Jacareacanga), Amazonas (leste, rio Canumã, município de Nova Olinda; e próximo a Transamazônica, município de Borba) e de Mato Grosso (Norte, região do rio dos Peixes, nas fronteiras município de Juara). Habitam geralmente regiões de florestas, às margens de rios navegáveis, sendo que as aldeias tradicionais da região de origem ficam nos chamados

"campos do Tapajós", classificados entre as ocorrências de savana no interior da floresta amazônica. As terras demarcadas estão bem definidas por publicações como esta: "A Terra Indígena Sai Cinza está localizada na região sudoeste do Estado do Pará, no município de Jacareacanga, margem direita do Rio Tapajós. A Terra Indígena Munduruku faz limite a noroeste com a Terra Indígena Sai Cinza e a sul-sudeste com a Terra Indígena Kayabi". O povo Munduruku é pertencente à família linguística Munduruku**,** do tronco Tupi.

A situação sociolinguística dos Munduruku é bastante diversificada, em decorrência de diferentes momentos da história de contato com as frentes de colonização, e pelo fato da dispersão em diferentes espaços geográficos ocupados por este povo. A população está localizada nas pequenas aldeias, às margens do Tapajós em sua maioria é bilíngue. Na aldeia Sai Cinza, aldeias dos rios *Cururu*, *Kabitutu* e outros afluentes do Tapajós, as crianças, mulheres e idosos falam, na maioria das vezes, unicamente a língua materna.

Ocorre também casos em que a língua Munduruku passa por processo de desuso, com domínio quase exclusivo do português, com crianças e jovens que não falam plenamente a língua materna Munduruku, a exemplo das aldeias do Mangue e Praia do Índio, localizadas na periferia da cidade de Itaituba, e nas comunidades da Terra Indígena Coatá-Laranjal, no Amazonas. A população total deste povo foi estimada em aproximadamente 20.000 pessoas, no ano de 2012.

Segundo informações do documentário comemorativo dos 100 anos, os *Munduruku* entraram em contato com os *PAIN* (Padre) e as Irmãs "*100 Kuatukat puje otoboxik Munduruku go painemağo*": "Em 2012, existiam aproximadamente 20.000 Munduruku na área do Tapajós – Madeira, incluindo os que moram em cidades como Jacareacanga, Itaituba Aveiro, Belterra, Santarém, Nova Olinda. E ainda em Manaus, Belém e São Paulo".[5]

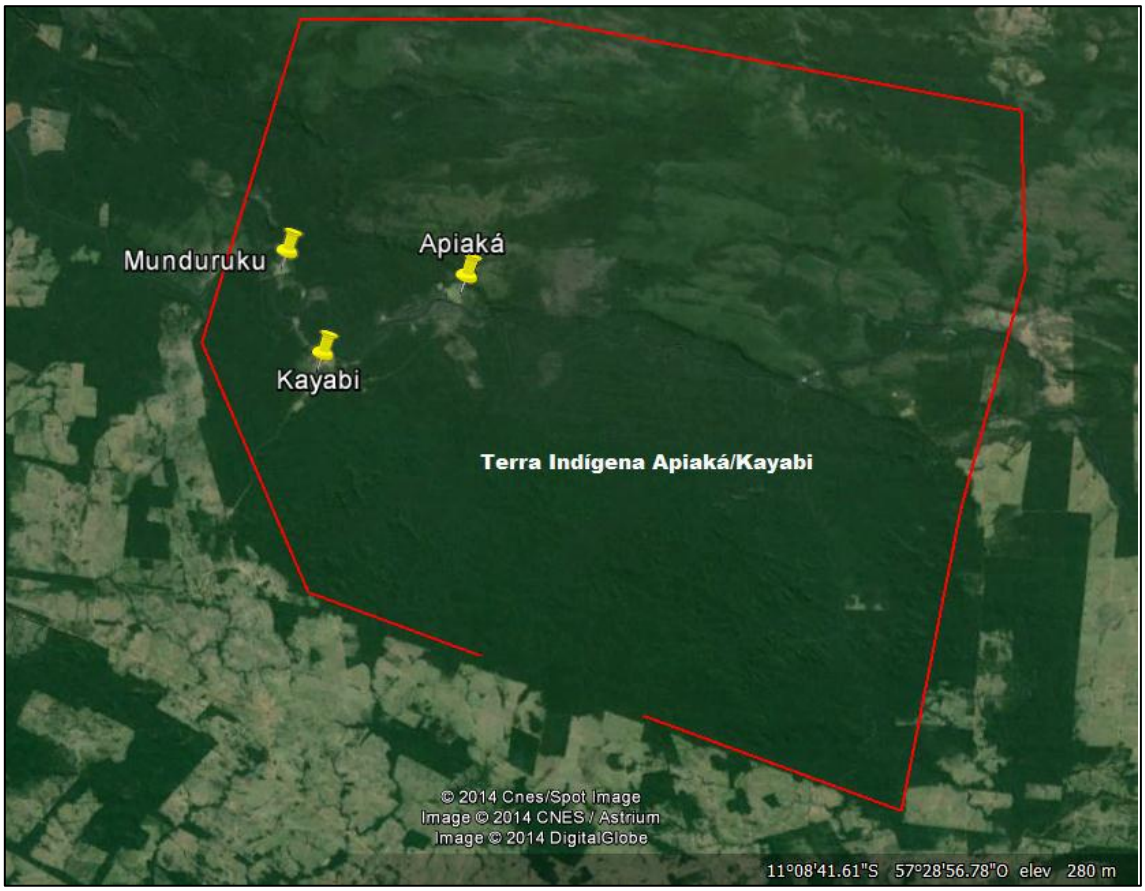
O povo Munduruku de Mato Grosso, que reside no município de Juara, migrou pelo rio Juruena, desde a região do Alto Tapajós, no Pará, no final da década de 70, motivados por fortes laços familiares que tem com o povo Apiaká, e pela exploração dos seringais nativos para a extração do *látex*, única atividade de renda da época, legado do incentivo do governo durante a segunda grande guerra mundial. Durante a chegada do povo Munduruku, aqui no Estado de Mato Grosso, encontrou facilidade em conseguir alimentos, uma vez que todas as áreas ao entorno da terra indígena já estavam sendo desmatadas, e as caças se concentraram na única parte de mata que estava de pé, desta forma, encontraram dificuldades apenas nas técnicas de pesca que aos poucos foram dominando. Nas primeiras décadas, os Munduruku

---

[5] Frei Florêncio Almeida Vaz, Acervo das irmãs SMIC na Missão Cururu.

tiveram uma convivência amistosa com os Apiaká, a partir de então, tiveram algumas divergências em virtude de culturas diferentes e as famílias Manhuari, Sau e Burum resolveram voltar para o Pará pelo mesmo caminho, descendo o Rio dos Peixes. Porém, antes de sair da T.I Apiaká/Kayabi, foram impedidos pelos Kayabi com a proposta de fazer sua própria aldeia em qualquer lugar que quisessem, pois seria muito perigoso voltar. Como já haviam descido o Rio dos Peixes e estavam próximos a sair T.I, o cacique Joaquim Crixi, e demais chefes de família resolveram criar a aldeia ali mesmo na saída T.I. Por esse motivo, a localidade da aldeia Nova Munduruku fica nos limites da T.I Apiaká/Kayabi, (Ver Figura 5) mais ao norte, a escolha do nome da aldeia não foi tão difícil, ficando aldeia Nova Munduruku, o termo "Nova" tem sido motivo de muito debate em reuniões até hoje, pois desde que foi criada até agora não seria mais "Nova" como adjetivo e sim "Nova" como substantivo [6].

Figura 5 – Terra Indígena onde moram Apiaká, Kayabi e Munduruku noroeste de Mato Grosso



Fonte: *Google Earth*, 2014.

[6] Relato Joaquim Crixi, novembro de 2015.

Atualmente, as famílias deste povo convivem com as etnias Apiaká e Kayabi, sendo seus vizinhos que, de certa forma, fortalecem as práticas indígenas locais. A terra Indígena Apiaká-Kayabi fica a 45 Km da sede do município. A aldeia Nova Munduruku tem população de aproximadamente de 137 pessoas, às margens direita do rio dos Peixes, registrada na Fundação Nacional do Índio FUNAÍ, no dia 24 de junho de 1988, seu contexto sociocultural está relacionado a realidade das demais comunidade desta terra indígena que compartilha como os povos Apiaká e Kayabi, todos as políticas assistencialista nas diversas árias como na Educação, saúde, esporte, e projetos de cidadania na busca de trazer para ambas as comunidades a formação de seus membros para tais seguimentos; hoje essa relação de interculturalidade é bastante amistosa, havendo a miscigenação entre estes grupos, devido grau de proximidade em termos de território como vemos neste mapa abaixo.

CAPÍTULO II – HISTÓRICO DAS PINTURAS MUNDURUKU

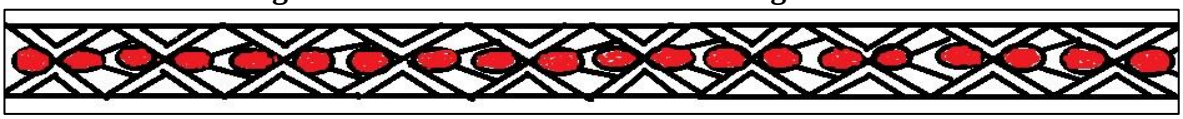
A pintura do povo Munduruku é um rito de passagem de muitos momentos da vida deste povo. Desde criança já se começa este processo, pois cada faixa etária da vida representa um momento de preparação, proteção, e sempre na busca de defesa de várias ameaças de muitos aspectos da vida. Nas comunidades mais tradicionais a pintura tradicional tinha início, a partir dos 5 anos de idade e não era nada delicada, segundo a descrição de Caudreau:

> [...] munido de um pontiagudo dente de cutia, o pintor traça desenhos sobre o corpo da criança, que sangra, chora e geme. Sobre os pontinhos vermelhos que constituem a linha aplica-se o suco de jenipapo. Este suco é indelével e sua cor azul escura não se apagará jamais. O trabalho é lento, deixa-se cicatrizar as primeiras feridas e depois se prossegue. É a pintura final de tal modo complicada que somente quando a pessoa chega aos vinte anos que tem fim o seu suplício. (1977, p.110)

A pintura traz em si um sentimento de quem a usa, por exemplo: se estiver alegre aquela semana a pessoa usará uma pintura que demonstre esse sentimento, e acredito que, por esse motivo, ela vem ano após ano, se modificado no corpo de quem usa.

Segundo o Dossiê que trata da Arte Kusiwa dos Wajãpi, podemos refletir também o que significa estas pinturas corporais para um povo indígena, “as formas de expressão gráfica e oral, permitem agir sobre muitas dimensões: sobre o mundo visual, sobre o mundo invisível, sobre o concreto e sobre o mundo ideal” (IPHAN, Wajãpi, p. 12).

Figura 6 – Pintura masculina da formiga vermelha



Fonte: Marcelo Munduruku, 2016

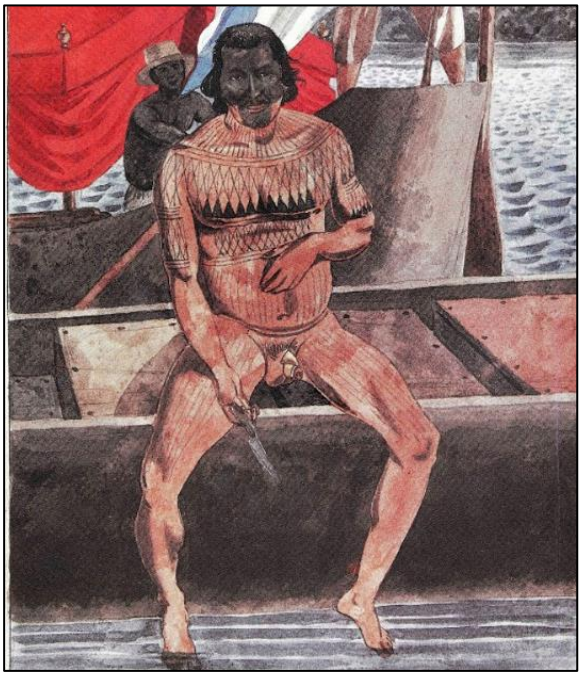
Elas representam seres da natureza como a fauna e a flora, de acordo com cada subgrupo, ou clã representado por duas cores predominantes: o branco e o vermelho, esta organização é patrilinear os filhos herdam a cor do clã do pai, sendo a pintura dominante.

A pintura do clã branco é a pintura do Burití, e do clã vermelho são: Jaboti *Poy*, Formiga *Saw*, Pacuzinho *Paku´dup*, cobra *Puybu* que também são representadas nos grafismos de cesto de talo de palha de tucum, *Ico* que, de certa forma, ajuda no entendimento da forma de organização interna, que desde tempos imemoráveis foi usada como forma de combinações de genes determinando graus de parentesco neste povo. Dessa forma, durante

muitos anos a organização social dos Munduruku vem se estruturando, buscando as combinações de genes, trazendo para dentro de sua árvore genealógica DNAs de outros povos, evitando, assim, o nascimento de crianças com problemas genéticos em seu meio. Esta regra se aplica às aldeias até os dias de hoje, por exemplo, duas meninas sendo irmãs tendo filhos do sexo oposto eles não poderão casar-se, pois suas mães são do mesmo sexo, caso seus pais forem de sexo aposto, eles podem casar-se, esses aspectos constituem nosso povo de características semelhantes entre homens e mulheres, que nos últimos 20 anos vem se modificado, assim como as culturais.

A relação que temos com a natureza faz com que tenham boas proximidades, e desde nossos antepassados essa arte de se caracterizar como a natureza vem sendo praticada. Esta marca cultural contribuiu para que dominássemos uma grande extensão na área conhecida até pouco tempo de Mundurukânia, como é descrito neste relato: “como podemos encontrar em vários relatos dos bandeirantes e pesquisadores que estavam adentrando ao centro do Brasil, e que chamou os mundurucu de “cara pretas”[7].

Figura 7 – Francês Hercules Florence Maio de 1728, Rio Tapajós



Fonte: http://www.zupi.com.br/wp-content/uploads/2015/05/Hercule-zupi.jpg

Este fragmento de texto deixa claro que nossas pinturas, desde então, eram usadas para intimidar na época que guerreávamos com outras etnias como *Parintintin, Mura, Arara,*

[7] Disponível em: http://pib.socioambiental.org/pt/povo/munduruku

Kayabi. Algumas pinturas têm suas especificidades para uso feminino e masculino, sendo que todas elas têm significado para o clã e nome exclusivo para cada, como festas, rituais e guerras. O pesquisador Walter Parreira, que viveu em uma aldeia que hoje é conhecida como Missão Cururu, na terra Indígena Munduruku, hoje município de Jacareacanga no estado do Pará, assim descreve em seu livro " *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*": "[...]Os Munduruku sempre foram um povo muito temido; eles já foram grandes guerreiros no tempo em que toda esta terra da Amazônia, e além da Amazônia era dos índios... vocês sabem o que significa esse nome Mõndoroko? Caçadores de cabeça" (PARREIRA, 2006).

Como é descrito por Parreira (2006), até a década de 60, fomos conhecidos como caçadores de cabeças, que eram usadas como troféu e usadas em rituais para atrair, caça e demarcar território, colocando nos limites, os crânios dos adversários derrotados pelos nossos antepassados.

2.1 Pinturas masculinas

As pinturas masculinas são usadas em diversos momentos, no dia-a-dia, em qualquer aldeia Munduruku, sendo feita pela filha ou pela esposa, pois para o nosso povo, isso representa uma proximidade entre as pessoas que pintam e que são pintadas.

Figura 8 – Imagem de Jovens Munduruku de Juara- MT (Júnior Burum Krixí, Ediones Manhuari França)

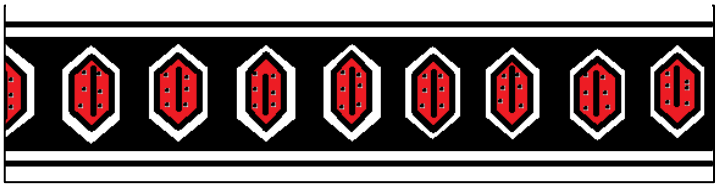
Fonte: Marcelo Munduruku, 2015.

Segundo o senhor Joaquim Crixi, os traçados buscam retratar a estrutura da natureza, dos animais e vegetais. Crixi relatou que estes desenhos precisam passar por alguns cuidados, para se ter um bom resultado em seu desenho, assim como na durabilidade. Diz ainda que o homem seguia todos os ritos da pintura para receber forças da natureza, usando esta energia nas guerras antigamente, como a pintura da formiga e jabuti, que resulta em uma boa caçada e pesca. O senhor Osmarino Sau, relatou que existe apenas uma delas que representa preparação para guerra e confronto, que é a pintura do corpo todo vermelho, usada em situações extremas e que representa sangue, ocasião em que o guerreiro está para matar ou para morrer.

Figura 9 – Pintura masculina do jabuti

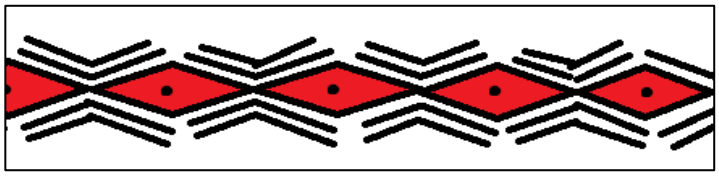
Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

Figura 10 – Desenho da pintura do jabuti (Poy)



Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

Figura 11 – Pintura da formiga vermelha (Saw)



Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

Sau fala que, caso não sigam os ritos, podem sofrer algumas consequências, que vão desde se perderem no mato até ser vítimas de quedas de árvore, especialmente, a do jenipapo de cuja fruta é extraída a tinta para a pintura. Sau contou que desde que chegou em Mato Grosso, não percebeu mudanças nas pinturas masculinas, no entanto, são os que menos se expõem, não participando das apresentações culturais. Ao aprofundar mais sobre o motivo pelo qual os homens não participam muito das apresentações, ele respondeu que acredita que é por conta de haver uma preocupação em relação ao que os colegas irão comentar depois. Ele também diz que acredita na participação dos adultos nestas apresentações, os homens mais

jovens poderão acompanhar. Outro motivo é dentro dos grupos de adolescentes e jovens, pois há uma desvalorização devido à visão distorcida de quem deve participar das apresentações culturais, uma vez que a maioria dos participantes são as mulheres e crianças.

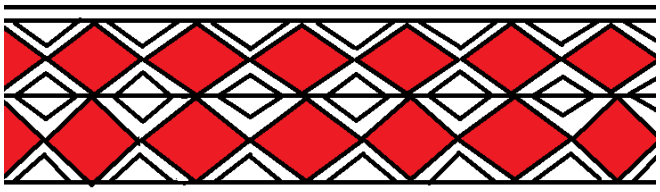
2.2 Pinturas femininas

As pinturas femininas seguem os mesmos procedimentos das demais crianças, tendo mudanças, a partir dos 6 (seis) ou 7 (sete) anos de idade, que segundo Lucivânia Huaru Burum, mesmo ainda não sendo mãe, até o momento acompanha o desenvolvimento dos sobrinhos. Ela fala que as crianças não podem ser pintadas ainda quando pequenas porque ainda não estão preparadas para passar pelos procedimentos que é submetido um jovem, pois seu espírito não está preparado para receber as energias que as pinturas podem atrair em seu corpo, causando um desiquilíbrio em sua autoestima.

Figura 12 – Pintura Feminina

Fonte: http://www.freeimages.com/premium/Munduruku-indian-woman-15630

Figura 13 – Pintura do talo do buriti

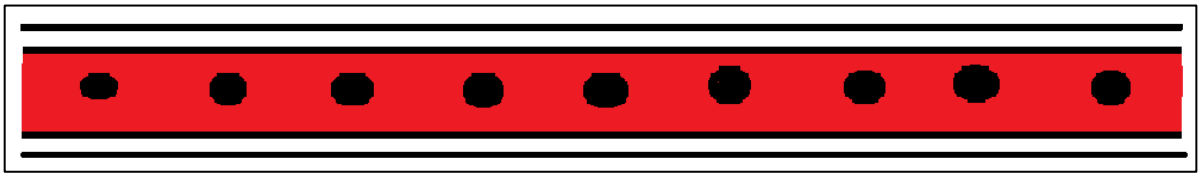


Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

Segundo Burum, as origens das pinturas femininas estão articuladas a um acontecimento que existe em nossa história, quando as mulheres foram hipnotizadas pelo sentimento que tinha de um animal chamado (*Bio*) a anta, que na realidade era um filho

desertor de *Karusakaybu*, (nosso Deus). Como uma forma de vingança contra seu pai, por tê-lo transformado neste animal, começa a molestar todas as mulheres e, quando seus maridos descobriram, arquitetaram a morte da criatura. E como a maioria dos encontros das mulheres com esse ser era dentro d`água, elas se transformaram todas em peixes, à procura de seu *wadi´p* namorado. A partir de então, elas tiveram suas pinturas definidas, tendo uma como principal, a do *waro´dá* peixe jacundá ou leléu.

Figura 14 – Pintura do jacundá Waro´dá



Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

Figura 15 – Pintura do pacuzinho Pacu´dit

Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

Os grafismos também são usados na identificação das mulheres recém casadas. O marido confecciona um cesto "*Icú"* (Ver Figura 16) e coloca a pintura de seu clã no utensílio que, por sua vez, serve para as atividades no dia-a-dia da moça.

> Nos cestos Munduruku são grafados com urucu desenhos que identificam o clã do marido. Assim, por exemplo, as tipóias para carregar as crianças que são confeccionadas pelas mulheres com a fibra extraída de uma árvore, identificam, com a cor natural vermelha ou branca, a metade exogâmica à qual a criança pertence. [8]

As pinturas das crianças têm outros procedimentos, desde o seu nascimento, a avó da criança fica responsável pelo recém-nascido, até que passe o período de resguardo da mãe. A senhora tem como primeiro ato, submeter o recém-nascido (a), à tinta do urucum, para espantar os espíritos ruins e, no decorrer de desenvolvimento desta criança, ela passará por outras etapas desta prática.

[8] RAMOS, André. (2003) **In:** ISA - http://pib.socioambiental.org/pt/povo/munduruku/798.

Figura 16 – Cesto de identificação do clã do marido ou do pai moça

Fonte: Banavita, 2014

Figura 17 – Pintura Feminina Munduruku do Pará

Fonte: http://www.cimi.org.br/site/pt-

Figura 18 – Pintura feminina Munduruku de Mato Grosso, Andressa Sal e Raiane Manhuari

Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

Em relação às mudanças nas pinturas femininas, Burum relata que muitas das meninas de seu convívio comentam que algumas são muito exageradas no uso da tinta, e que acaba borrando o local do grafismo. Ela acredita que esse é um dos motivos destas atitudes, de não fazê-las por completo ou em lugares do corpo que não borre muito.

Assim que argumentei sobre a descaracterização desta prática, Burum justificou que são atitudes de momento de algumas meninas, que normalmente fazem os traçados com pressa, pois apesar de ter muitas pessoas na comunidade, são poucas as que dominam bem essas técnicas, da mesma forma que o preparo da tinta, que não é como antigamente. Esta mudança tem surgido, não somente no ato de fazer a tinta, mas também no uso das pinturas, a qual ela não soube esclarecer, o porquê das meninas da aldeia Nova Munduruku não estarem usando as pinturas da forma como antigamente, pois estão fazendo uma mistura desta pintura.

Como podemos ver esta comparação (Ver Figura 17,18), as pinturas que seria na horizontal estão na vertical, as que seriam no rosto estão nas em outras partes do corpo, ou ainda fazendo a fusão de uma com outra. Esta observação tem gerado muito desconforto entre

os anciões e como coordenador do Grupo *Munduruku Wuyjuyu*, venho tentando encontrar respostas, dialogando junto a juventude em uma linguagem mais acessível para este entendimento, e encontrar uma resposta para uma intervenção eficaz.

2.3 Preparo das Tintas

Segundo Burum, antigamente as tintas de jenipapo *(Waremap´a)* fruta de onde se extrai o sumo para utilizar seu pigmento nas pinturas, era assado e batido, em seu contorno e em seguida era colocado o leite de batata-doce, para os traçados não borrarem, e ter uma boa firmeza na hora de fazer os desenhos geométricos no corpo das pessoas.

Figura 19 – Fruta jenipapo usado para fazer tinta

Fonte: http://www.viveiroipe.com.br/?mudas=jenipapo

Atualmente quase não se usam mais essas técnicas, pois têm outras ferramentas como o ralador, peneira e recipientes para manuseio, que de certa forma facilita a retirada do sumo do *Waremap´a*, assim como não se utiliza mais o leite da batata, ficando somente a técnica de fazer os desenhos poligonais usando palito de talo de palmeira e algodão (*Bõrõ*). Ainda são as meninas as pessoas que preparam a tintas, com o auxílio dos meninos na retirada da fruta da árvore.

Figura 20 – Forma de fazer Pintura

Fonte: Paulo Suess, 2011

2.4 Contextualização do uso das pinturas Munduruku em Mato Grosso

Em relação aos grafismos corporais, na aldeia Nova Munduruku, nas fronteiras do município de Juara, no estado de Mato Grosso, está em um processo de mudança, em relação ao uso das pinturas e significados, tendo em vista um cenário de grande proximidade com outras culturas semelhantes, diante da convivência com os Kayabi e Apiaká na mesma Terra Indígena, além dos municípios vizinhos. Verifiquei que este processo pelo qual passa a juventude Munduruku, se dá a partir do encontro a uma grande quantidade de informações, em diversos meios de comunicação da atualidade, e a vivência com a interculturalidade. Portanto, este conjunto de influências diante dos contatos com outras culturas, tem ocasionado variações em nossa pintura, apresentando um diferencial em suas formas de preparos e usos.

A percepção encontrada nas pinturas usadas em nossa comunidade foi que os traços ou grafismos que antes eram usados em um lugar do corpo, agora estão sendo usados em outros locais de forma resumida ou em menor tamanho. Mas ainda mantém sua estrutura original conhecida, em comparação aos demais Munduruku do estado do Pará.

Esta realidade vem despertando no olhar nos anciões entrevistados, a perda de valores tradicionais que precisam de uma ação urgente para que não se perca o sentido de uma arte como identidade de nosso povo.

Figura 21 – Pintura Feminina do pacuzinho - Jozinéia Burum Krixi

Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

Figura 22 – Pintura Feminina com as alterações - Jucinéia Burum Krixi e Jucilene Burum Krixi

Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

Existe na comunidade Munduruku de Juara Mato Grosso, um movimento de fortalecimento cultural que vem conseguindo ocupar seu espaço, nos movimentos culturais no município, o Grupo Munduruku Wuyjuyu. Este grupo coordenado por mim, desde 2011, tem como objetivo divulgar, difundir, e buscar ter o reconhecimento da sociedade não indígena da cultura Munduruku como integrante do município, de certa forma procuro fazer uma preparação minuciosa dos integrantes, que inicia aos 5 anos de idade, até a idade adulta, ou quando o membro constitui família, que passa por vários processos, preparação que vão dos uso das pinturas, cânticos, ritos, mitos, prática da língua, e o incentivo do sentido de pertencimento e o etnocentrismo regrado, assim também como, noções de indigeníssimo. Este movimento vem tendo apoio de pessoas ligada à UNEMAT de Juara, através do projeto "Novos Talentos: interculturalizando talentos, articulações linguagem, história etnocultural e educação em Escolas Indígenas", pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior) coordenado pela professora e Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, na produção de materiais que venham registrar os conhecimentos tradicionais, ocasião em que o

grupo teve grande contribuição em apresentações das práticas de danças e cânticos tradicionais, assim como, as vestimentas e pinturas, que fazem parte do principal objetivo do grupo. Existe na comunidade Munduruku de Juara Mato Grosso, um movimento de fortalecimento cultural que vem conseguindo ocupar seu espaço, nos movimentos culturais no município, o Grupo *Munduruku Wuyjuyu*.

Figura 23 – Grupo Munduruku *Wuyjuyu*

Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

Este grupo, coordenado por mim, desde 2011, tem como objetivo divulgar, difundir e buscar o reconhecimento da sociedade não indígena, como cultura integrante do município.

De certa forma, procuro fazer uma preparação (Ver Figura 24) minuciosa dos integrantes, que iniciam aos 5 anos de idade, até a idade adulta, ou quando o membro constitui família. Cada integrante passa por vários processos, preparação que vai desde os usos das pinturas, cânticos, ritos, mitos, prática da língua, e o incentivo do sentido de pertencimento e o etnocentrismo regrado, assim também, como noções de indigeníssimo. As apresentações buscam mostrar aspectos da literatura narrativa, encenações ritos da defumação como forma de curar os males espirituais e do corpo, dentro dos mitos estão a origem do povo e o surgimento dos seres da natureza, configurando os cosmos de nosso povo. Desenvolver o sentimento de pertencimento e disseminar a forma de vivermos para demais pessoas de outras culturas, pois acreditamos que somente a partir que os outros nos conhecer é que vão de fato nos entender e respeitar, assim como outros povos de fora do Brasil como os Orientais.

Figura 24 – Preparação do Grupo Munduruku *Wuyjuyu*

Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

A forma de preparação foca no sentido da dança, o que cantamos como cantamos, e por que cantamos. Os significados das pinturas também são um aspecto muito importante, uma vez que nos coloca como uma identidade, os trajes de apresentações são de acordo com o clã de cada participante, o aspecto língua também é aprofundado na escrita e no momento dos cânticos, a participação dos adultos acontece na orientação de seus filhos, no preparo de seus adereços para as apresentações.

A identidade do povo Munduruku aqui do estado de Mato Grosso depende muito da forma de como nos apresentamos fora da aldeia. O que também tem nos preocupado é que estamos iniciando uma política interna de aumento demográfico em nossa comunidade, para que o ensino e aprendizado de nossos princípios perpassem o cenário colonialista sertanista local, que o Grupo *Munduruku Wuyjuyu*, pioneiro no movimento cultural Indígena de Juara, almeje aquilo que faz sua existência.

Figura 25 – Preparação das crianças de 5 anos

Fonte: Marcelo Munduruku, 2015

CAPÍTULO III – AS PINTURAS CULTURAIS MUNDURUKU: UM DIREITO COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL

As representações gráficas das pinturas corporais do povo Munduruku, remete a uma reflexão de seus usos em outras áreas do conhecimento, uma vez que os traços lembram estrutura da natureza. A questão é de que forma isso pode servir como patrimônio para a humanidade? E de que maneira poderíamos aproveitar tais informações como forma de estudo e de conhecimento para o desenvolvimento cultural do povo Munduruku de Mato Grosso?

Mediante uma realidade sociopolítica delicada, de conflitos por disputas territoriais, e tendo conhecimento da Lei 11.645/08[9], que torna obrigatório o ensino da história e da cultura indígena e afrodescendente nas instituições de ensino do país, isso se fortalece para que possamos buscar um aprofundamento na cultura Munduruku. E se faz necessário, assim como as demais culturas que possam ser ensinadas nas escolas, e acredito que, apenas com os conhecimentos da realidade das comunidades indígenas, haverá de fato uma maior valorização de nossa forma de cultuar a vida, como demais culturas existentes no Brasil.

Quando me refiro a valores, não é meramente um aspecto econômico, mas sim a valorização do ponto de vista de ver o universo e a vida. Conforme reflete Gallois, "É no campo do reconhecimento político, da agregação de valores simbólicos, que eles contribuem para a construção da cidadania das populações indígenas. " (2007, p. 95)

Esses valores precisam ser atenuados em entidades governamentais, assim como o "Dossiê das pinturas corporais do povo *Wajãpi" Expressão gráfica e oralidade entre os Wajãpi do Amapá"* em 2002, no IPHAN. Estas são iniciativas que abrem um leque de opções de estudos e pesquisas que vão do campo da literatura das narrativas de origem de pinturas, à matemática, visando os formatos das figuras geométricas. O protagonismo destes conhecimentos pode trazer e já está mudando a ótica de algumas Universidades, tendo como uma das pioneiras a UNEMAT, na pesquisa e valorização deste conhecimento milenar dos povos indígenas presentes neste Estado, o qual não é rico somente em terras ou produção de grãos, mas também em diversidade de ensino e aprendizagem.

Esta forma de visualização se faz necessária para que a sociedade possa se atentar para a diversidade de culturas indígenas que existem em sua Federação, e perceba o quanto podemos contribuir como patrimônio humanitário do Brasil, pois essa forma de viver também é uma riqueza cultural. Dentro do Estado de Mato Grosso há cerca de 43 etnias diferentes, porém, pouco ou quase nada se sabe sobre tais indígenas, sendo um campo muito grande de

[9] http://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/2008/03/11

conhecimento a ser explorado para se obter uma diversidade muito grande de aspectos de ser e existir no mundo.

Infelizmente, a sociedade economicamente ativa tenta difundir a imagem de que esses povos são pessoas “preguiçosas”, selvagens e que atrapalham o desenvolvimento da região. Na verdade, o que observamos é a necessidade de uma política pública de aprendizado sobre esta questão nas escolas, como pede a lei acima mencionada. E também que dê ênfase aos movimentos que estendam para uma maior quantidade de brasileiros. Que mais voz como a do escritor Daniel Munduruku perpasse as barreiras da incompreensão, porque “enquanto o Brasil “detona” nossos povos, nós estamos aqui tentando educar o Brasil!” (MUNDURUKU, 2013).

Segundo o relatório de direitos humanos e da terra 2013, os povos indígenas vêm sofrendo muita violência com invasão de terras, por madeireiros, grileiros, fazendeiros e mineradores.

> É lugar comum de massacre, agressão, a discriminação, e o ódio racista conta os povos indígenas que vive em áreas visadas para expansão do agronegócio e por um modelo de “desenvolvimento” marcado pela lógica mercantil e predadora (WANER, SATO E ROSSI 2013, p.11).

Esta realidade nos coloca em uma posição contraria aos interesses da população que é vista como os que mais contribui para o PIB (Produto Interno Bruto) Nacional. Mediante este grau de interesse, onde fica a valorização das pinturas Munduruku e demais povos existentes em nossa Unidade da Federação e no cenário Nacional, para estes grupos? Estas mesmas pessoas que controlam parte das mídias escritas, faladas e assistidas em nossa região. Há uma grande reflexão para esse impasse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que o trabalho tenha sido necessário para se ter um olhar mais aprofundado no que diz respeito aos conhecimentos tradicionais indígenas, em especial, a do povo Munduruku de Juara-MT, pois durante todo o trabalho de coleta de informações pude constatar uma série de dificuldade, em conseguir aprofundar nos assuntos mais tradicionais, porque poucas eram as pessoas que detinham este conhecimento, ou ainda conseguiam lembrar-se.

Motivando por este fator, é que recorri a outras fontes como a internet. Esta realidade traz um grande alerta, que é o caso da não participação dos jovens homens nas apresentações culturais, que precisam de uma motivação mais eficiente, partindo do envolvimento dos demais professores (as). Por meio deste trabalho, pude diagnosticar a ressignificação no uso das pinturas femininas, na busca apenas da estética, preocupação partilhada, de certa forma, no íntimo de cada ancião da comunidade, que por motivos não conhecidos continuam inertes a essa realidade. Creio que seja por falta das práticas estarem mais presentes em nosso cotidiano, em virtude da busca contínua de projetos para a comunidade, o que tem causado inversão de valores em sua estrutura organizacional em nome daquilo que muitos chamam de melhoria em vários seguimentos, como Saúde, Educação, dentro de um contexto muito hostil onde a política capitalista e o aculturamento estão presentes.

Nesse sentido, deixo aqui minha proposta para as próximas pesquisas, a de rever as práticas culturais, que vão da pescaria tradicional, a ritos de defumação na cura de doenças espirituais, assim como, a forma tradicional de organização do povo Munduruku.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei 11.645/08**; <http://www.jusbrasil.com.br/diários/DOU/2008/03/11>, acessado em 10 de mar. de 2016.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Revista de estudos e pesquisas.** FUNAI, Brasília, v.4, n.2, p.95-116, dez. 2007.

IPHAN. **Dossiê da pintura do povo Wajãpi**. 2012.

ISA. **Povo Munduruku.** Disponível em: http://pib.socioambiental.org/pt/povo/munduruku. Acessado em 16 julho de 2015.

MUNDURUKU, Daniel. **Seminário de Literatura Indígena FINLJ.** Vídeo 2013.

MUNDURUKU. **Levantamento Etnológico:** Munduruku Terra Indígena Munduruku.

FUNAI/PPTAL/GTZ, Brasília, 2008.

PARREIRA, Walter. **Tawé, nação Munduruku**: uma aventura na Amazônia. Belo Horizonte Decálogo, FCH/FUMEC, 2006.

SOUZA, Sheila Mendonça de; MARTINS, Maria do Rosário. **Antropologia Portuguesa** 20/21, 2003/2004: 155-181- A cabeça troféu Munduruku do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra: análise do objecto e os seus desafios: Coudreau (1977:110).

VAZ, Frei Florêncio Almeida. **Acervo das irmãs SMIC na Missão Cururu**. Vídeo, 2006.

WANER, Inácio; SATO Michèle; ROSSI Roberto. **Relatório de direitos humanos e da terra.** Cuiabá: FDHT/Centro Burnier fé e justiça, 2013.

CONSULTORES NATIVOS

JOAQUIM CRIXI, 75 anos, pertencente ao clã Branco. Aldeia Nova Munduruku-Juara-MT.

LUCIVÂNIA HUARU BURUM MUNDURUKU, 27 anos, pertencente ao clã Branco. Aldeia Nova Munduruku-Juara-MT.

OSMARINO SAU MUNDURUKU, 67 anos, pertencente ao clã Vermelho. Aldeia Nova Munduruku-Juara-MT.